

Boca de Cachorro Louco

*Boca de  
Cachorro Louco*

Kah Dantas





## PARTE I

- 19    *Prólogo*
- 21    *1. O início de tudo*
- 23    *2. A queda*
- 25    *3. O primeiro fim*
- 27    *4. O primeiro fim – Parte dois*
- 28    *5. Depois do fim e o meu aniversário*
- 30    *6. A morte*
- 32    *7. A seda lilás*
- 33    *8. Sonhos*
- 34    *9. Depois de muitos fins e o aniversário dele*
- 36    *10. “Nós somos um milagre”*
- 37    *11. O céu, o inferno e a nossa vã filosofia*
- 38    *12. A preguiça*
- 40    *13. Roupas para festas*
- 44    *14. O resultado de um passeio solitário*
- 45    *15. A noite passada*
- 46    *16. Deus pra si, o cão pros outros*
- 48    *17. Depois de ir dormir às nove  
e acordar às dezenove*
- 49    *18. O grilo no banheiro*
- 51    *19. Essa vida é minha, não tua*
- 53    *20. O amor que fica*
- 55    *21. A felicidade*
- 57    *22. A demônia enciumada*
- 59    *23. Chocolate*

- 61 24. A ficha
- 62 25. Coisa nenhuma
- 63 26. Mensagem a alguém
- 64 27. Um capítulo sobre ele
- 66 28. A raiva que ele me fez
- 67 29. O nascimento do carinho
- 69 30. O dia catorze de fevereiro de dois mil e quinze
- 71 31. O inadiável
- 73 32. Um grito silencioso
- 74 33. Uma forma de medo
- 75 34. As pequenas e fugidias graças do sexo
- 77 35. Primeiras impressões
- 79 36. Sete dias na praia
- 81 37. O abandono no sofá
- 82 38. As baratas e eu
- 84 39. A pior das solidões
- 85 40. Dizem que a vida é um doce
- 86 41. A última madrugada
- 88 42. Este pedaço de bosta que ama
- 89 43. Salvação
- 91 44. A giromba
- 92 45. Boca de cachorro louco
- 94 46. Estacas no coração
- 96 47. Eu não te amo

|     |       |
|-----|-------|
| 98  | I.    |
| 99  | II.   |
| 101 | III.  |
| 102 | IV.   |
| 103 | V.    |
| 104 | VI.   |
| 105 | VII.  |
| 106 | VIII. |
| 107 | IX.   |
| 109 | X.    |

## PARTE II

|     |                                                   |
|-----|---------------------------------------------------|
| 115 | <i>Prólogo</i>                                    |
| 117 | 48. <i>Lana Del Rey</i>                           |
| 118 | 49. <i>Uma espécie de cura</i>                    |
| 119 | 50. <i>Pseudoepígrafe</i>                         |
| 120 | 51. <i>Eu outra vez</i>                           |
| 121 | 52. <i>Angústia moderna</i>                       |
| 122 | 53. <i>Tua A.</i>                                 |
| 123 | 54. <i>Quem sou eu</i>                            |
| 124 | 55. <i>Desvios</i>                                |
| 125 | 56. <i>Curta</i>                                  |
| 126 | 57. <i>Câmeras</i>                                |
| 127 | 58. <i>Mil dias depois dos próximos capítulos</i> |
| 128 | 59. <i>É hoje, amor</i>                           |
| 129 | 60. <i>A formiguinha</i>                          |

|     |                                    |
|-----|------------------------------------|
| 130 | 70. A ficção                       |
| 131 | 71. Nota de aula                   |
| 132 | 72. Uma burrice                    |
| 133 | 73. Só mais alguns capítulos       |
| 134 | 74. T.                             |
| 135 | 75. Às vezes                       |
| 136 | 76. Setenta e sete capítulos       |
| 137 | 77. Quase, quase                   |
| 138 | 78. Nós dois                       |
| 139 | 79. Can't change. Don't ask me to  |
| 140 | 80. Pelo menos                     |
| 141 | 81. Este livro                     |
| 142 | 82. Nada                           |
| 143 | 83. Feliz                          |
| 144 | 84. Que nem água                   |
| 145 | 85. Girando                        |
| 146 | 86. Capítulo de transição          |
| 147 | 87. Dias de luz                    |
| 149 | 88. Tirem suas próprias conclusões |
| 150 | 0. Fim                             |

## POSFÁCIO

# PARTE I



**Isto não é ficção.**



– pérolas apressadas do [des]amor –

Puta. Vagabunda. Mentirosa. Tu quer dar pra ele, é? Tu já deu pra ele? Fala a verdade! Eu não quero conversa com puta não! Minha primeira namorada era virgem, sabia? Tem vergonha não? Foi por isso que teu marido te deixou? Porque tu é uma puta mentirosa? Eu não sei onde eu tava com a cabeça quando resolvi colocar meu pau dentro de ti. Essa porra vai é apodrecer! Para de falar comigo, sua puta! Tenho nojo da tua voz! Vou só pegar minhas coisas e vou embora. Não encosta em mim, não, que eu tenho nojo. Não quero saber. Você é uma puta. Eu sabia que tu era assim, não sei pra quê insisti nisso. Sério que tu ainda tá falando? Cala a boca! Tu não tem dignidade não? Eu não te amo, não. Sério que tu pensa que eu gosto de ti? Sério mesmo? Eu só queria te comer, otária. Tu foi pra onde? Heim? Fala, puta. Tava onde? Tava falando com quem? Se tu mijar fora do caco, eu te mato, viu? Tem certeza, né? Depois não diga que eu não avisei... Tá comigo porque quer. Tu sabe que a gente não vai mais se deixar não, doidinha. Se tu me trair, eu te mato. Tô te avisando!



Saltou sobre mim, as mãos fortes, os olhos esbugalhados, e me esganou com força, toda eu na minha traqueia e o que mais, afastei-o e gritei, e mais uma vez o diabo me agarrou o pescoço, depois disso uns murros e uma cabeçada, cedi, vá embora, me deixe em paz, pois via o monstro e a morte e mais nada.



**Respire [fundo].**



## *Prólogo*

Foi no dia catorze de junho de mil novecentos e noventa e um. Encarnou neste mundo o filho do diabo, expulso do inferno pelo próprio pai, depois de duas ou três insurgências – amotinara-se com uma meia dúzia de servos – e condenado a uma vida mundana e a uma atormentada convivência com a ignorância e a tolice dos [outros] mortais. “Eu nasci para partir seu coração”, diria mais tarde a criatura nefasta, olhando nos meus olhos e sorrindo aquele sorriso ardiloso, citando uma de suas canções favoritas. Fui castigada, vinte e três anos mais tarde, com a [des]graça de tê-lo em meus braços e dentro de mim, intrigada com os eventos que tinham me tornado um ser tão especial e merecedor desse lancinante amor [?]. Sua mãe era prova: tinha consigo as histórias mais esquisitas, sonhos e premonições, o batismo que nunca dera certo, um tio bruxo, uma avó que dedicara orações a santos cabulosos, um cavaleiro no meio da noite e uma criança com um corpo tão fechado que ela poderia [não fosse o seu dom], muito bem [e certamente], ter morrido uma centena de vezes. Ocorre que a eternidade, entretanto, escura como um corvo, já corria nas veias do menino, destinado a uma mortalidade fora do comum. Nascera filho de pintor e de costureira e não tivera nem infância nem adolescência reais. Pobre, mas rei. Fora a criança branca adorada na

creche, o geniozinho indomável da escola e o adolescente que peitava o discurso dos professores [ingenuamente] mais experientes. Fez amigos, comeu menininhas, teve namoradas, caiu bêbado meia centena de vezes, fumou cigarros, cheirou pó e, veja só, a narrativa é apressada, que entre a infância e o tempo que eu roubei pra mim, a vida desse diabo me dá ódios de toda sorte. O infame tinha olhos e pelos escuros, sobre pele clara, mas nem a beleza do conjunto nem a ferocidade do sorriso podiam ser comparadas àquele único órgão, ferino, tirano e deus, descrito no livro do Criador como um mal que não se pode refrear. Não estava [principalmente] na força do braço ou nas delícias do sexo, o seu poder, mas na onipotência da palavra e na tenacidade dos argumentos. Herdara do pai original a prosa e a esperteza [tão irritantes!], e ninguém poderia desconfiar de que a sua arrogância era da parte do próprio Coisa Ruim. E esta, bem, é a história de como a narradora que vos fala amou [presa na armadilha do Chifrudo] o filho do Cramulhão [e vice-versa].

## 1. O início de tudo

Vinte e seis de fevereiro de dois mil e catorze. Ninguém sabe coisa alguma sobre o amor e, entretanto, é Eros o melhor amigo do homem. Um indivíduo busca no outro a sua completude, mesmo que desdenhe da constatação, mesmo que considere a si mesmo uma exceção. Nem o filho do Tinhoso, que andava livre por aqueles dias, seria capaz de pelejar contra aquela divindade e sair incólume. No dia anterior, ora [éramos professores na mesma escola], eu tinha procurado seus olhos, [in]disfarçado interesse, e perguntado se ele gostava de mulher. Um dia depois da resposta afirmativa e de duas ou três geladas, estaríamos aos beijos ao pé de uma árvore, em frente a um bar frequentado por universitários, cheios de adolescência nas maneiras, encantados com a carne como provavelmente [quase certamente] não acontecera nos outros dias em que estivéramos aos beijos com outras [e agora indefinidas] criaturas. O Céu não lhe parecia atraente porque para ele era insuportável a ideia de ter que ouvir música gospel para sempre, enquanto eu não merecia o lugar simplesmente por achar que a existência de unicórnios cor de rosa era mais palpável do que o paraíso. Eram dez da noite e o endiabrado, antes dos beijos molhados, atrevera-se a me encarar com um “Quem disse que eu vou te levar para casa?”, eu, acostumada a ter tudo e mais

um pouco nas mãos, a rejeitar meia dúzia de namor[ic]os por  
mês, agora prestes a colocar o meu coração [minha sanidade]  
naquelas mãos cheias de espinhos. Fui então deixada em casa,  
muito [fragilmente] segura, mas já bastante inclinada a me  
arremessar precipício abaixo em busca dos caminhos que me  
levariam ao Hades.

## 2. A queda

Aconteceu no carnaval. E em vez de nos despedirmos dela, como propõe a festa, iniciamos um período de sacrifícios inimagináveis em sua homenagem, [nós] esquecidos dentro de um quarto poeirento e apertado, sufocado pelas delícias infinitas desta divindade celebrada: a carne. Julguei, a princípio, que a situação não me ameaçava com o menor dos grilhões. Estava certa da minha segurança e, mais ainda, da unicidade daquela noite. Éramos números em listas semelhantes, até que fomos confundidos pela espontaneidade em nós dois e pela [diabólica e] estranha impressão de que nos conhecíamos havia séculos, não como todo mundo fala por aí, mas esmagados pelo sentimento de infinito que aqueles pequeníssimos e profundos momentos continham, tão cristalinos e enevoados que, mal amanheceu o dia, eu já estava fodidamente apaixonada. Cega, foi como acordei, no desconforto daquela cama de solteiro e entre os seus braços, no limiar entre o continuar como antes e o atrever-se a foder não só com o corpo, mas com o espírito também. Na minha mochila havia camisinhas e remédios para a gripe, sabe-se lá como foi que eu deixei, no meio de uma crise alérgica, o aconchego dos meus livros e da minha caminha para me aventurar no meio das partículas suspensas da casa de um desconhecido, só porque ele tinha me deixado com o

quadril queimando depois de duas ou três respostas decididas. Luz da minha vida, fogo nos meus lombos, minha Lola, por você eu não hesitei em mandar todo o resto pro inferno, a lista de espera, as presas em potencial, as comidas exóticas ou os melhores bolinhos da cidade. Você tinha umas maneiras que me saltaram aos olhos e pareceram inaceitáveis, mastigava com a boca aberta, caminhava feito bandido e falava alto demais – uma porção de borrões que se tornaram insignificantes, não depois que desabrochei como o lótus, em watercolor, ou depois que a maciez dos seus lábios, entre as minhas coxas, me deixou tão rapidamente incrédula; mas foi depois que aquela noite e a manhã que a sucedeu foram [mágica e] inexplicavelmente sublimadas: o diabo se tornou deus e eu, ré confessa, dei voluntariamente a mão ao meu destruidor [e então senhor]. Naquela noite, amamos até a exaustão, trepamos com a madrugada, deixamos um pouco de nós nos lençóis, no chão e nas paredes do banheiro, e rastejamos para o colo de Morfeu com fôlegos agitados, mas almas tranquilas, como as dos pequenos quando estão dormindo na segurança de seus berços.

### 3. O primeiro fim

Começou com esta bobagem: dois segundos estúpidos hackeados de uma rede social minha depois de ele ter saído para trabalhar. Eu devia ter continuado dormindo, o que seria mais fácil?!, quando a ~ burrice ~ falou mais alto e eu respondi a uma mensagem qualquer de um colega de trabalho, mas, descoberta, vi o primeiro dos muitos e eternos fins. Foi assim esse fim: [menor que todos os outros] senti o meu corpo inteiro se transformar em um sentimento de perda não justificado, não tinha um mês a aventura!, e, mesmo assim, morri atormentada e chorei, inconsolável, imaginando que não teria mais as suas roupinhas por perto, o seu cheiro na toalha, os itens de higiene, o calor do peito e a saliva dos beijos, e por isso paguei, com uma das muitas vidas que descobri ter [todas destinadas à destruição pelo poder esmagador daquelas mãos que eu tanto amava], pelo resgate da minha felicidade, balbuciei um livro inteiro de sabe-lá-que-pedidos-de-desculpa e desculpas variadas, até que fui capaz de dizer alguma palavra que, como um encantamento, trouxe-o de volta aos meus braços [chamei-o “covarde!”, penso], também chorando, me abraçando e beijando, depois de, com a mesma língua que me passava nos lábios, ter sangrado o meu coração repetidas vezes. Antes disso, estive indigna aos seus olhos, ouvi horrores, cada um deles transfor-

mado em umas mil lágrimas e mais um bocado de hematomas no peito. Foi preciso isso para que eu decidisse, sabe-se lá por quê, que a criatura era tudo o que eu queria e já não me importava despedir sem rudeza as outras pessoas, desde que ela estivesse comigo. Culpei os orgasmos deliciosos pelo absurdo da minha reação [menor do que todas as outras depois dela], abracei-o e dormi ingênua e medrosa naquela noite, depois de fazer ~ amor ~ [naturalmente], acreditando que nunca mais experimentaria angústia semelhante. Pobrezinha.